

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.014

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO ACADÊMICO NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFPB

Ildo Salvino de Lira¹

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar as contribuições do projeto Práticas de ensino na alfabetização na escola pública e a progressão da aprendizagem, vinculado ao PROLICEN/UFPB, para a formação inicial de professores alfabetizadores. O referido projeto é desenvolvido em parceria com uma escola da rede de ensino de João Pessoa, envolvendo a participação de estudantes do curso de Pedagogia (presencial) do Centro de Educação, *Campus I*. A tradução dessa ação é guiada pela perspectiva do alfabetizar letrando (Soares, 2020; Morais, 2012). A pesquisa de natureza qualitativa (Minayo, 2014) foi subsidiada por uma análise de relatos de experiências produzidos pelos licenciandos em referência às atividades desenvolvidas no ano de 2023 no contexto dessa ação colaborativa. Os resultados refletem as contribuições do projeto como espaço formativo que favorece a formação inicial de pedagogos para atuação na docência na alfabetização, assim como evidenciam esses sujeitos. Os relatos endossam, ainda, a necessidade de uma formação sólida e específica para atuação nesse campo profissional, o que perpassa pela reformulação

1. Doutor em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professor do Departamento de Metodologia da Educação, Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: ildoslira84@gmail.com;

do projeto do referido curso de Pedagogia, a partir da cristalização de novos horizontes formativos através do estabelecimento de disciplinas que tratem da alfabetização como objeto específico e inerente à formação do pedagogo. Adicionalmente, registram a necessidade do fomento de outras ações dessa natureza de modo a aproximar os futuros professores do cotidiano escolar na perspectiva da captação dos reais problemas e possibilidades, ou seja, para que desenvolvam uma postura investigativa como integrante das respectivas identidades profissionais.

Palavras-chave: Alfabetização, Formação inicial de professores alfabetizadores, Pedagogia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resultou de um estudo que analisou os desdobramentos de um projeto acadêmico, especificamente para a formação inicial de professores alfabetizadores. A produção de dados decorreu da análise de seis relatos de experiências produzidos por licenciandos do curso de Pedagogia, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba, sobre as atividades desenvolvidas no projeto, no ano de 2023.

O referido projeto é uma ação colaborativa conduzida em parceria com uma escola pública da rede de ensino de João Pessoa, que se traduz pelo acompanhamento pedagógico de crianças em fase de alfabetização matriculadas em turmas de 3º ano do Ensino Fundamental (EF), além de contribuir para a formação inicial de professores alfabetizadores.

É, portanto, uma parceria que se soma às ações desenvolvidas no cotidiano escolar em favor da garantia do direito à alfabetização “num espaço-tempo de ampliação da leitura do mundo pelo aprofundamento tanto do conhecimento linguístico quanto dos modos de dizer e ler o mundo [...]” (Goulart, 2019, p.15). Adicionalmente, concordamos que

[...] todos têm direito a se alfabetizar, que precisamos partir do ponto em que as crianças se encontram [...], mesmo que haja muita heterogeneidade dentro do grupo/classe [...] à tentativa tanto de dar conta dos diferentes níveis de aprendizagem dos alunos, quanto de resgatar as crianças que se encontravam, em certa medida, desmotivadas em aprender em virtude de anos de repetência escolar [...] (Morais, 2012, p. 144).

A tradução dessa ação é guiada pela perspectiva de alfabetizar letrando (Soares, 2020; Morais, 2012), ou seja, espera-se que a criança aprenda “a ler e a escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita” (Soares, 2020, p. 27). Logo, a expectativa reside na garantia de boas práticas de ensino, que garantam à criança “aprender como é o funcionamento do sistema de escrita alfabética (doravante SEA) e, de

modo articulado e simultâneo, aprender sobre os usos sociais da escrita e da oralidade” (Leal; Pessoa, 2022, p. 245).

A partir desse entendimento, o percurso metodológico do projeto envolve as seguintes atividades: reuniões na escola, realização de observação de natureza participante, condução de reuniões de estudos, avaliação e planejamento na universidade, produção de recursos didáticos para os momentos de acompanhamento das crianças, produção dos registros (diário de campo, fotos, protocolos de escrita e produção textual, ficha de acompanhamento e relatórios, dentre outros documentos), produção e apresentação de trabalhos científicos em eventos, entre outros.

No ano de 2023, os momentos de acompanhamento e de intervenções pedagógicas ocorreram entre abril e dezembro, quatro dias na semana, envolvendo 22 estudantes de turmas do 3º ano do EF. Nesse percurso, foram empregadas diferentes estratégias e recursos didáticos, como o alfabeto móvel, fichas dos nomes próprios, textos da tradição oral (parlendas, quadrinhas, trava-línguas, adivinhas), paradidáticos, exploração de palavras estáveis, como o nome próprio das crianças, jogos de alfabetização, entre outros.

Como abordamos neste texto, o referido projeto se apresenta como espaço formativo que possibilita a ampliação das discussões, reflexões, pesquisas e ações no que diz respeito ao fenômeno da alfabetização a partir da interface com a unidade de ensino. Com isso, percebemos o potencial dessa iniciativa em relação à formação inicial de professores alfabetizadores como um dos eixos formativos desse curso de licenciatura, considerando que “o fundamental é o alfabetizador ou alfabetizadora conhecer esse complexo e multifacetado processo de aprendizagem da língua escrita pela criança, de modo a orientar adequadamente sua aprendizagem” (Soares, 2019, p. 4).

Ainda de acordo com essa autora, “Infelizmente os cursos que formam alfabetizadores não os têm preparado para essa compreensão do processo de aprendizagem inicial da língua escrita pela criança” (Soares, 2019, p. 4). A superação desse desafio decorre de mudanças estruturan-

tes nos cursos de Pedagogia, entre elas a atualização dos projetos é um passo importante, de modo a atribuir mais espaço à formação do professor alfabetizador. Além disso, é preciso incentivos à cristalização de projetos institucionais em parceria com as redes públicas de ensino. Logo, cogita-se que os licenciandos “se envolvam em uma dinâmica integrada de trabalho para responder a desafios da docência nesse campo” (Araujo; Camini, 2022, p. 28), como futuro espaço de atuação profissional.

São justamente, portanto, tais argumentos que têm norteado o desenvolvimento desse projeto, aventando, assim, a articulação da aprendizagem dos saberes profissionais com ações direcionadas à mediação do processo de alfabetização no âmbito de escolas públicas.

O texto ora apresentado contém, além desta introdução, uma seção que trata das discussões sobre a alfabetização no Brasil e a inicial formação do professor alfabetizador, o percurso metodológico do estudo, a discussão dos resultados e algumas considerações sobre a pesquisa.

DEBATE SOBRE ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL E A INICIAL FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR

Partimos, inicialmente, da defesa de que “a alfabetização infantil é dever do Estado, a ser assegurado por meio da garantia de ingresso e permanência das crianças no ensino fundamental (de 9 anos) e, sobretudo, por meio do ‘sucesso’ na aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais de escolarização [...]” (Mortatti, 2013, p. 24). Ainda segundo essa autora, a efetivação desse direito “demanda a formulação de meios e modos mais eficientes e eficazes para implementar ações, visando concretizar essa inserção/inclusão, a serviço de determinadas urgências políticas, sociais e educacionais” (Mortatti 2010, p. 329).

Em outras palavras, a efetividade do direito à alfabetização decorre de ações dos gestores públicos, em parceria com outros atores, mediante a garantia de condições objetivas e subjetivas que implicam o sucesso escolar, tendo em vista a perspectiva de aprendizagem negociada no

projeto de cidadania. Nesse contexto, a formação de professores ocupa espaço de destaque, sobretudo a formação do professor alfabetizador, “pois, apesar dos inúmeros avanços teóricos e metodológicos relacionados à alfabetização ocorridos nas últimas décadas, ensinar todas as crianças a ler e a escrever ainda se constitui um desafio” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 747).

No entanto, sabemos que os investimentos na formação docente são importantes, mas não suficientes “para solucionar todos estes problemas, mas, certamente, uma formação consistente é um dos fatores indispensáveis para a superação dessa realidade” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 747). Nesse texto, nos atentamos, especificamente, para a importância da formação inicial de professores que atuarão como alfabetizadores, como um eixo que carece ser priorizado nos ciclos das políticas públicas e pelos projetos dos cursos de Pedagogia.

Em vista desse intento, defendemos que é preciso considerar, nesse sentido, a natureza complexa do processo de alfabetização, além dos fatores que refletem no sucesso dos aprendizes. Certamente, a formação docente é um dos aspectos basilares desse debate, considerando as implicações para o seu exercício profissional. No entanto, a responsabilização deve ser assumida numa perspectiva compartilhada pelas “[...] ações especificamente humanas e, portanto, políticas, caracterizando-se como dever do Estado e direito constitucional do cidadão” (Mortatti, 2010, p. 329).

É nesse contexto que a formação inicial de professores alfabetizadores tem se constituído nos cursos de Pedagogia como mais especificidade da docência abarcada por essa licenciatura. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (DCN-Pedagogia, 2006) estabeleceu

[...] a formação docente como a pedra angular do curso ao prescrever que um único curso se responsabilizasse pela formação de inúmeros profissionais: docente da Educação Infantil, dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do Ensino Médio na Modalidade Normal, gestor e coordenador, atentando-se para o fato de que essa docência está permeada por várias modalidades: Educação Especial, indígena, quilombola,

de Jovens e Adultos (EJA), assim como a gestão e a coordenação pedagógica incluem ambientes escolares e não escolares (Melo; Pezzato, 2022, p. 2).

As expectativas de melhorias na qualidade da formação do pedagogo, no entanto, foram frustradas e o resultado foi:

[...] o ‘inchaço’ do currículo, pretensões ambiciosas quanto à diversidade de profissionais a serem formados, aligeiramento da formação [...], empobrecimento na oferta de disciplinas [...]. Além do mais, fica evidente a impossibilidade de se dar ao curso o caráter de aprofundamento da ciência da educação para formar o pesquisador e o especialista em educação (Libâneo; Pimenta, 1999, p. 248-249).

Corroborando com as críticas em relação à formação do alfabetizador, Soares (2014, p. 149) reflete que:

[...] o curso de Pedagogia tem sido foco de uma luta de longa duração, para que realmente forme professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, o que não tem acontecido. Há uma resistência muito grande a qualquer mudança no currículo do curso de Pedagogia, que pode estar formando muito bem, pelo menos em várias instituições, especialistas em educação, mas não professores de sala de aula preparados para trabalhar nas séries iniciais e na educação infantil. Pode-se dizer que a situação atual é de ausência no País de uma formação inicial realmente destinada a professores que atuarão nessas etapas de escolarização.

Em linhas gerais, a formação inicial do professor alfabetizador tem ocorrido pelo menos em dois momentos pelas disciplinas que tematizam alfabetização e o estágio curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Piccoli, 2015). É, portanto, um movimento formativo insuficiente, visto a complexidade e os desafios que esse profissional precisa responder no bojo das exigências sociais e profissionais quanto ao processo de alfabetização.

No entanto, é preciso situar os limites inerentes a qualquer formação, pois essa não irá “suprir todas as exigências da formação docente e, muito menos, esgotar a necessidade de estudo constante por parte do professor

que se relaciona à sempre inacabada e mais ampla formação cultural” (Piccoli, 2015, p. 132). Assim, tornam-se urgentes a definição e estabelecimento de caminhos que possam ser priorizados em relação à formação desse docente. Desse modo, como ressalta ainda a autora:

Concordo que pouco se tem investido na formação do alfabetizador no que se refere aos aspectos linguísticos para o ensino da leitura e da escrita, sendo essa sim, sob meu ponto de vista, uma das lacunas a serem superadas. Ainda precisa ser fortalecida a ideia de que o alfabetizador é um professor de língua e, para tanto, precisa dominar seu objeto de ensino – a língua portuguesa – no que se refere às suas características, estrutura e funcionamento. Ressalto que tais conhecimentos são essenciais à ação alfabetizadora para o planejamento das constantes reflexões linguísticas que devem ser promovidas pelo professor junto aos alunos e, igualmente, para a compreensão e análise das ‘soluções de escrita’ das crianças encontradas em suas produções (Piccoli, 2015, p. 140).

Nesse mesmo sentido, Soares (2010) argumenta que a formação inicial do professor alfabetizador precisa contemplar uma carga horária maior de disciplinas durante o curso de Pedagogia, considerando os fundamentos da alfabetização. A seguir, a autora cita alguns aspectos essenciais para o ensino da língua escrita e que precisam ser contemplados na formação desse profissional:

[...] o professor tem de, primeiro, dominar muito bem a língua portuguesa, formação que não é dada de forma adequada para que saiba usar a língua escrita nas suas diferentes variantes; tem de ter formação sociolinguística; psicolinguística; de fonologia – sem o que é impossível entender o processo da criança para relacionar fonemas com grafemas; tem de conhecer literatura infantil, que é com o que se deve trabalhar para que a criança aprenda a língua escrita; gêneros textuais, teorias da leitura e diferentes estratégias exigidas por diferentes gêneros textuais (Soares, 2010, p. 10-11).

Defende-se, nesse sentido, uma formação sólida, que possibilite ao professor alfabetizador em formação acesso “a um conjunto de conhecimentos e saberes acerca da docência, para assumir de forma crítica e comprometida as diversas tarefas que lhes competem, dentre as quais a

de promover a alfabetização de crianças” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 747). Considera-se, portanto, nessa trajetória formativa, que o campo da alfabetização “possui suas especificidades e para fortalecer a formação do professor alfabetizador, dentre outras atribuições, torna-se urgente repensar a formação inicial, no sentido de assegurar a apropriação e o desenvolvimento de saberes específicos do pedagogo nessa área” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p.749).

Assim, a formação inicial de alfabetizadores requer “a promoção de experiências de aprendizagem que priorizem a construção de conhecimentos teóricos e práticos da profissão para os licenciandos de forma articulada” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p.749), em sintonia com os desafios e as ações praticadas no contexto da escola pública.

Isso é necessário para que haja, conforme defende Picolli (2015, p. 152), “mais aproximações entre os caminhos acadêmicos e a futura atuação docente”. Isso passa pela revisão dos currículos dos cursos de Pedagogia, demandando, segundo a autora, a definição de prioridades “para que a formação inicial encontre eco no exercício profissional. Seguramente, essa discussão é crucial a cada revisão curricular promovida nos cursos de Pedagogia, na qual cada área do conhecimento quer, merecidamente, garantir seu espaço” (Picolli, 2015, p. 152).

Tal perspectiva de formação exige, portanto, “enfrentar discussões, verticalmente e não de mero sobrevoo, do campo da formação, da docência, da didática e da própria alfabetização, entendida como a apropriação de um instrumento cultural potente em toda a sua complexidade e múltiplas facetas” (Araujo; Camini, 2022, p. 22). Busca-se, assim, garantir a efetividade de um processo formativo direcionado à aproximação dos desafios, possibilidades e práticas docentes traduzidas por alfabetizadoras nas tramas cotidianas de uma escola pública. Tais vivências, portanto, contribuem para que os licenciandos “se envolvam em uma dinâmica integrada de trabalho para responder a desafios da docência nesse campo” (Araujo; Camini, 2022, p. 28). É no âmbito dessa complexidade formativa que defendemos a institucionalização de ações dessa natureza, cujas

linhas de atuação sinalizam diferentes intencionalidades, entre as quais, objetivam:

[...] construir um caminho adaptado às exigências contemporâneas de desenvolvimento profissional progressivo, colaborativo e desdobrado ao longo da carreira docente, iniciando-se ainda na formação universitária. O panorama teórico-metodológico apresentado, portanto, é uma flecha lançada como um convite à ação, respeitando a historicidade das práticas construídas no campo da alfabetização e fomentando a necessidade de inovação frente às demandas contemporâneas (Araujo; Camini, 2022, p. 28).

Desse modo, entendemos que a trajetória formativa tem contribuído para que docentes em formação possam ampliar e consolidar os saberes-fazerem à luz de vivências reais no campo da alfabetização. Para tal, assumimos como o lugar profissional alfabetizador, “tendo como base a unidade entre teoria e prática e a valorização de contextos de produção de saberes pedagógicos para a alfabetização em diálogo com os campos multidisciplinares que lhe servem de referência” (Araujo; Camini, 2022, p. 28). Da mesma forma, conforme endossa as autoras, “a especificidade da docência na alfabetização requer a afirmação e a visibilidade da complexidade de suas práticas em ações institucionais articuladas entre universidade e redes de ensino [...]”, como se inserem as nossas ações no cotidiano escolar.

Assumimos, nesse sentido, a defesa do compromisso da universidade pública “na construção de projetos que auxiliem a sociedade a pensar e repensar formas de avançar na luta histórica pela garantia ao direito à alfabetização” (Camini, 2022, p. 73). Dessa maneira, as expectativas residem no fortalecimento de parcerias articuladas “entre universidade e escolas no desenvolvimento profissional docente, buscando a ampliação dos espaços formativos para a produção de didáticas específicas para a alfabetização [...]” (Araújo; Camini, 2022, p. 32).

PERCURSO METODOLÓGICO

Conforme explicitado anteriormente, neste artigo refletimos sobre as contribuições de um projeto acadêmico para a formação inicial de professores alfabetizadores. A presente pesquisa é de natureza qualitativa, pois adotamos como universo da investigação o “estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2014, p. 57). A partir desse entendimento, nos atentamos às “interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos” (Minayo, 2014, p. 24) nas respectivas narrativas, considerando as trajetórias formativas delineadas no contexto da experiência formativa em tela.

Como mencionado, a produção de dados decorreu da análise de seis relatos de experiências produzidas por licenciandos integrantes do projeto que realizaram atividades desenvolvidas no projeto no ano de 2023. A definição por esses registros decorreu da compreensão de que eles expressam reflexões significativas quanto às tramadas formativas traduzidas no bojo dessa experiência. Esses são, portanto, registros que evidenciam movimentos de professores em formação inicial, em direção à sua formação e constituição de identidades profissionais como futuros alfabetizadores.

O processo de tratamento e interpretação desse material se lastreou pela técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011). Segundo Oliveira *et al.* (2003), o emprego dessa técnica apresenta-se como um instrumento potente no sentido de retirar do texto (sejam resultados de entrevistas, questionários abertos, discursos ou documentos oficiais, textos literários, artigos de jornais, emissões de rádio e televisão) o seu conteúdo manifesto ou latente.

Para tal, seguimos as seguintes etapas: inicialmente, procedemos com a pré-análise, com a finalidade de constituir o *corpus* da pesquisa. Em seguida, realizamos a leitura detalhada das fontes, tendo em vista

mapear os registros reflexivos produzidos pelos sujeitos. Por fim, há a interpretação dos resultados à luz do referencial teórico, que nos possibilitou uma compreensão mais detalhada do objeto de estudo em relação às contribuições do projeto para a formação dos licenciandos, conforme exploramos a seguir.

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES ALFABETIZADORES: AS CONTRIBUIÇÕES DE UM PROJETO ACADÊMICO

Neste momento, nos atentamos para a análise dos relatos de experiência, cujo foco voltou-se à reflexão a respeito das contribuições do projeto em relação à formação inicial, como mencionamos. A partir desse intuito, inicialmente, destacamos um primeiro trecho do relato do estudante 1, que aborda os desafios vivenciados a partir do seu ingresso no projeto:

O início do projeto foi desafiador visto que caminhar por outras possibilidades de alfabetização, que não a que fomos ensinados nas escolas, gerou desconforto e desprendimento de métodos até então impregnados em meu fazer docente; métodos esses que, ora ou outra, me peguei repetindo, porém o acompanhamento inicial do coordenador foi de grande importância não apenas para observação desse 'novo caminhar', como também, na construção da relação com as crianças, visto que, corriqueiramente, ainda observamos, em outros projetos, estudantes de graduação lançados sem acompanhamento em escolas ou espaços lúdicos de aprendizagem (Licenciando 1).

Destacamos, inicialmente, no relato, o foco atribuído aos conflitos vivenciados pelo licenciando quanto ao contato com um novo caminhar delineado pela metodologia do projeto em relação à mediação do processo de alfabetização, tendo em vista o distanciamento de uma abordagem tradicional de alfabetização. Portanto, o desafio consistiu na adoção de outra perspectiva de alfabetização que possibilitasse às crianças “viver, desde cedo, atividades que as levem a pensar sobre as características

do nosso sistema de escrita, de forma reflexiva, lúdica, inseridas em atividades de leitura e escrita de diferentes textos” (Albuquerque, 2012, p. 22).

Logo, comungamos da compreensão que

[...] não basta alfabetizar na perspectiva da apropriação do sistema de escrita alfabético e ortográfico, faz-se também a apropriação de habilidades que possibilitem a leitura e escrita nas diversas situações com diferentes gêneros textuais, e em suportes, objetivos e interlocutores diversificados (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 761).

Nesse sentido, partilhamos da defesa de ser imprescindível que “o professor compreenda, inicialmente, a importância e o significado de alfabetizar letrando e, assim, alfabetizar em contextos de letramento, e esta compreensão deve acontecer desde o início da sua formação, numa profícua relação entre teoria e prática” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 761).

Com isso, faz-se necessário superar as fragilidades e os desafios que atravessam a formação inicial do pedagogo, como refletem Melo e Pezzato (2022, p. 2):

Fato é que a formação do pedagogo, incluindo-se nela a Formação do Alfabetizador, nos cursos de Pedagogia-licenciatura padece devida, entre outros fatores, à imprecisão de um currículo generalista que, amplo e desarticulado, promove uma formação docente inicial fragmentada, enfaticamente teórica e com pouca articulação com a prática, distante da realidade que será vivenciada na Educação Básica.

As autoras advertem, ainda, que:

As pesquisas apontam que a formação do alfabetizador, assim como a dos demais docentes da Educação Básica, tem se apresentado de modo periférico nos currículos dos cursos de Pedagogia-licenciatura. Os cursos de formação profissional para a docência apresentam, em geral, um perfil de formação generalista [...] (Melo; Pezzato, 2022, p. 2).

As autoras denunciam a ausência de especificidades curriculares nos cursos de Pedagogia em relação à docência na alfabetização. Em linhas gerais, os cursos ofertam uma formação generalista, que busca corres-

ponder aos diferentes espaços de atuação profissional do pedagogo. Quanto à formação do professor alfabetizador, as mencionadas autoras constatarem currículos marcados “por um amontoado de disciplinas fragmentadas e desarticuladas que pouco contribuem para a formação do professor alfabetizador, ou mesmo para uma formação interdisciplinar do profissional engajado na realidade da Educação Básica brasileira.” (Melo; Pezzato, 2022, p. 2).

A partir da análise, essa percepção também foi denunciada pelos licenciandos participantes do projeto. Tais posições reforçaram a necessidade de projetos dessa natureza, a fim de reparar as lacunas identificadas ao longo do curso. Entre elas, destacam-se as disciplinas direcionadas à alfabetização, conforme evidenciado nos trechos que seguem:

[...] o projeto é uma resposta à minha necessidade de aprofundamento em alfabetização. O que se deve a ausência de disciplinas sobre o tema na matriz curricular do curso de Pedagogia na Universidade Federal da Paraíba- UFPB. Lacuna parcialmente preenchida pelo projeto, pois os graduandos precisam de acessar os conhecimentos sobre a alfabetização e ter oportunidade de aplicá-los antes de ir para o mercado de trabalho. E como isso pode ser possível sem a universidade ofertar disciplinas e estágios direcionados? [...] Ele me oferece a oportunidade de conhecer as teorias que fundamentam a alfabetização e o letramento. Finalmente, o projeto de ensino voltado para a alfabetização em escolas públicas tem sido um componente essencial da minha formação. Ele tem exercido um impacto positivo na alfabetização das crianças na escola onde a experiência está sendo realizada. Aprofundar-me na temática da alfabetização e letramento tem sido uma fonte de motivação para meus estudos (Licencianda 2).

A formação inicial no curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba com a matriz curricular atual, não proporciona ao pedagogo em formação momentos de reflexão acerca do tema da alfabetização. Com isso, o projeto propicia a articulação da discussão sobre a alfabetização a partir dos estudos, ampliando assim os conhecimentos e saberes teóricos. Nesse sentido, a partir das vivências na instituição são oportunizadas uma visão autônoma dos discentes, quando o mesmo lida com as diversas situações que envolvem os estudantes atendidos. Almeja-se, que este projeto atinja uma relevância maior, na perspectiva do centro de educação e dos discentes da graduação de

pedagogia, pois a prática na instituição proporciona um amplo olhar para o campo da alfabetização, visto que a formação não prepara o discente para enfrentar as dificuldades de uma turma com estudantes não alfabetizados no 3º ano do ensino fundamental I. O projeto enriquece o repertório teórico a respeito da temática e é essencial para o desenvolvimento profissional. Busco dar continuidade para o aprofundamento teórico e prático. (Licencianda 3).

[...] contribuiu positivamente para minha formação enquanto professor alfabetizador. É pertinente lembrar, que ao iniciar o projeto havia uma lacuna individual voltada para o processo de ensino-aprendizagem, como por exemplo, realizar mediações para que a criança avance em seu processo de alfabetização. Além do mais, havia um receio de como abordar a criança, como fazer para que ela fosse alfabetizada conforme a singularidade dela. Essa lacuna com o decorrer dos meses foi sendo preenchida com a experiência de cada dia na escola e durante os encontros de estudos entre os voluntários, bolsistas e professor coordenador. O referido projeto de alfabetização proporcionou uma experiência que até então não havia tido, que era justamente esse contato de professor em formação para com alunos ou crianças inseridas nos anos iniciais do fundamental. Assim, já sinalizo que antes da experiência desse projeto era difícil a minha participação ativa nas aulas das disciplinas em curso, porém, com a oportunidade que o projeto ofereceu de vivenciar e contribuir para a alfabetização das crianças [...] resultou-se em uma participação de contribuição mais ativa para os debates no campo da alfabetização. É bem verdade, que temos uma lacuna no campo da alfabetização em nossa grade curricular e ter tido a oportunidade de experenciar esse projeto foi enriquecedora para nossa formação. O projeto por ser um trabalho colaborativo proporciona uma gama de aprendizados na área da alfabetização; aprendizagem essa que, a grade curricular do nosso curso de pedagogia por si só não oferece e nem oferecia em tamanha profundidade. Aprendi com as discussões em grupo, nas reuniões e com as próprias crianças que foram acompanhadas (Licenciando 4).

Com base nesses relatos, podemos inferir que o projeto em questão contribui para a formação inicial do professor alfabetizador. Isso ocorre, porque a estrutura curricular do referido curso de Pedagogia não atenta para a especificidade desse campo de atuação, conforme refletem os licenciandos. Tais posições revelam, ainda, a preocupação e a necessidade

de uma formação inicial sólida que considere os fundamentos e saberes inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, pois reconhecem “que a alfabetização não acontece de forma espontânea na criança e que é preciso um trabalho sistematizado do professor para que ela conheça e se aproprie do sistema de escrita alfabético” (Goulart; Cabral, 2023, p. 5).

Essas são reflexões que demonstram, portanto, a importância da mediação qualificada dos professores, de maneira a auxiliar os aprendizes na complexa empreitada pela apropriação desse sistema representacional no contexto das práticas de letramento. Certamente, a formação inicial se apresenta como etapa basilar em relação à construção das identidades dos futuros alfabetizadores. Essa compreensão também foi mencionada por esses sujeitos, assim como podemos identificar nos extratos abaixo:

Participar do projeto foi um divisor de águas na minha formação inicial e acredito que para todos os envolvidos nas ações. As experiências vivenciadas nos proporcionaram uma imersão no contexto de uma escola pública com crianças que ainda estão em processo de alfabetização. Durante o percurso tivemos a oportunidade de estudar e discutir sobre alfabetização, Psicogênese da língua escrita e o uso de jogos didáticos. Também elaboramos diversos recursos que contribuíram para o aprendizado das crianças e para o desenvolvimento de habilidades práticas dos participantes. Comecei tão pequena e ao chegar no final do ano perceber o quanto cresci [...] As crianças, os graduandos e o professor me ajudaram muito na minha evolução, sou extremamente grata a todos. Com o projeto participei de eventos, escrevi artigos, criei vínculos, mudei minha linha de pesquisa, adquiri inúmeros conhecimentos, etc. (Licencianda 5).

O projeto não contribuiu apenas com seu intuito primordial que é alfabetização de crianças, contribuiu de forma enriquecida para a aquisição de conhecimento acerca do processo de alfabetização, foi essencial para que estivesse inserida em práticas alfabetizadoras que consolidam a relação teórica que venho construindo sobre a temática. As reuniões regulares emergiram como espaços vitais para a troca de experiências e o aprimoramento contínuo das práticas pedagógicas. Durante esses encontros, os discentes participantes compartilharam insights provenientes da observação no projeto, discutindo abordagens eficazes e desafios encontrados. Essa colaboração horizontal não apenas enriqueceu o repertório de estratégias

pedagógicas, mas também fortaleceu a coesão do corpo participante, criando uma comunidade de aprendizado colaborativa. Além disso, as reuniões propiciaram um espaço para a análise crítica dos resultados alcançados e a revisão das estratégias adotadas, a capacidade de adaptação foi fundamental, permitindo ajustes contínuos com base nas necessidades observadas nas ações. Essa flexibilidade, aliada à fundamentação teórica, garantiu que as práticas pedagógicas permanecessem alinhadas com os objetivos do projeto e as características específicas do grupo de alunos (Licenciando 6).

Entre os destaques atribuídos nos trechos acima, cabe mencionar, por exemplo, o fato das atividades serem desenvolvidas no cotidiano escolar a partir de uma dupla finalidade: para o investimento no desenvolvimento profissional de licenciandos e ainda em vista das contribuições para o processo de alfabetização das crianças. Nessa direção, há o reconhecimento da escola pública como espaço formativo e futuro campo de atuação profissional. Segundo Soares (2014, p. 11), “Apesar de as teorias terem ganhado espaço, alfabetizadores relatam que, ainda assim, não se sentem preparados ao término da formação inicial, por conta de uma supervalorização desse eixo teórico em detrimento da prática [...]”

Desse modo, podemos entender que o projeto tem contribuído para assegurar a apropriação de saberes direcionados à mediação da alfabetização, como campo de atuação do pedagogo, considerando os desafios, possibilidades e experiências traduzidas no cotidiano escolar, assim como avaliam os licenciandos.

Nesse mesmo sentido, Amorim e Cerdas (2021, p. 172) endossam

A formação no curso de Licenciatura em Pedagogia nas disciplinas diretamente ligadas à alfabetização, o desafio de aproximar licenciandos, professores da educação básica e professores do curso de Pedagogia nos diferentes âmbitos da atuação, a saber, ensino, pesquisa e extensão pela troca de experiências na construção de saberes e práticas para o ensino da leitura e da escrita [...]

Nessa mesma linha de pensamento, Gonçalves et al. (2023) defendem que os cursos de Pedagogia precisam

ampliar o quantitativo de disciplinas que também oportunizem uma experiência mais direta com o cotidiano escolar da alfabetização, não em um sentido de reprodução das teorias e das práticas tematizadas no curso de formação inicial, mas, sim, no de buscar compreender e problematizar como esse processo ocorre (e tem ocorrido) no ambiente escolar. Isso porque acreditamos que o professor se fará alfabetizador, de fato, na ação, quando estiver em contato direto com os alunos, ensinando-os a ler e a escrever (Gonçalves et al., 2023, p. 20).

No entanto, compreendemos, assim como Piccoli (2015, p. 133), que a formação inicial não dá conta de “suprir todas as exigências da formação docente e, muito menos, esgotar a necessidade de estudo constante por parte do professor que se relaciona a sempre inacabada e mais ampla formação cultural”. Assim, a identidade do professor alfabetizador decorre de um processo contínuo, abarcando os saberes e as experiências nos diversos espaços de vivências.

Outro aspecto evidenciado pelos sujeitos nos relatos diz respeito à importância do acompanhamento pedagógico das crianças, ou seja, como uma das dimensões formativas do projeto:

Embora compreenda a realidade docente, acompanhar as crianças nesse processo foi algo bastante positivo para minha formação, pois através do contato com as crianças pude ampliar meu olhar para os inúmeros fatores que dificultam o processo de alfabetização, bem como, compreender a importância do meu papel enquanto educador que visualiza a existência dessas crianças e de suas singularidades, afinal, estamos falando de crianças que, em sua maioria, são excluídas do processo de ensino e aprendizagem por não conseguirem acompanhar os demais colegas. Deste modo, saliento que participar do projeto foi de grande aprendizagem, ficarei marcado por cada uma das crianças a quem pude contribuir com o processo de alfabetização e que estimularam em minha futura ação docente um olhar atencioso, acolhedor e afetivo para com suas singularidades e experiências. Pudemos acompanhar de perto todo o processo de aquisição da escrita e leitura das crianças participantes. O projeto propiciou atendimentos individualizados às crianças buscando motivá-las em todo curso, possibilitando que as mesmas se desenvolvessem no processo de alfabetização. O olhar especificado que o projeto possibilita termos para as necessidades de cada criança contribui com o avanço

no alcance do SEA. Contribuir com que essas crianças acreditem em seus potenciais, perdendo o medo de errar, é uma gratificação que não se paga. O espaço de alfabetização promovido pelo projeto apresentou-se como um refúgio da invisibilidade da sala de aula, pois no projeto elas eram vistas, ouvidas e não silenciadas. (Licenciando 1).

A reflexão acerca do progresso dos estudantes atendidos é de extrema importância para a formação, pois muitos deles chegam no projeto e não conseguem assinar ou identificar as letras do próprio nome. Ao analisar a evolução dos mesmos no processo de apropriação da escrita e leitura, percebe-se que estão mais motivados com seu processo de aprendizagem, mas sabemos que outros elementos podem dificultar esse processo, como o contexto social, a falta de estímulo ou um distúrbio de aprendizagem (Licenciando 3).

Com base nos relatos, é possível perceber os sentidos mobilizados por esses sujeitos em relação à participação no projeto, ou seja, como uma experiência positiva para os respectivos processos formativos. Certamente, essas são experiências significativas nas trajetórias desses futuros professores, marcadas pelas próprias histórias dos aprendizes acompanhados durante os momentos de intervenções pedagógicas.

Dessa maneira, partilha-se da defesa de que a formação inicial de alfabetizadores perpassa por “reflexões, apreensões e percepções teóricas e metodológicas mais aprofundadas frente às especificidades do processo de alfabetização” (Goulart; Cabral, 2023, p. 17). Evidenciamos, nesse sentido, que essa formação transcende os percursos institucionais delineados no âmbito dos cursos de Pedagogia quando previstos.

Em seguida, a estudante destaca como aspecto diferencial dos acompanhamentos pedagógicos a mediação pelos jogos de alfabetização. Isso é o que podemos perceber nos registros que seguem:

Além disso, me permite explorar os jogos como materiais didáticos e as fases da escrita pela psicogênese. Também me ajuda a compreender o ensino através das singularidades dos aprendizes, a partir da prática e do contato direto com as crianças (Licencianda 2).

No decorrer do projeto de alfabetização no 3º ano do ensino fundamental, pude vivenciar de perto o impacto positivo dos jogos e recursos pedagógicos na jornada de aprendizado das crianças, nossa

prática educacional foi enriquecida e dinamizada. Utilizar jogos, cuidadosamente selecionados e adaptados, tornaram-se ferramentas cativantes para o desenvolvimento da leitura e escrita. Observei que as atividades lúdicas não apenas despertaram o interesse dos alunos, mas também proporcionaram um ambiente descontraído e propício para a absorção de conceitos fundamentais, que tornaram o aprender das crianças mais significativo (Licencianda 6).

Percebemos, nesse sentido, que essa experiência formativa se constituiu como uma boa oportunidade para que os licenciandos se apropriassem dos conhecimentos teóricos e práticos envolvidos na alfabetização e ainda em relação aos benefícios do uso de jogos na mediação desse processo. Nesse percurso, o emprego de tais recursos visa “promover, de maneira lúdica e prazerosa, a consciência fonológica e, conseqüentemente, a aprendizagem da escrita alfabética de crianças [...]” (Silva; Morais, 2022, p. 208). O propósito da mediação se volta para oportunizar às crianças boas oportunidades para mobilizar e vivenciar brincando “saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área” (Brandão *et al.*, 2009, p. 8).

Convém ressaltar, ainda, que em vista das contribuições refletidas, os sujeitos expressam, mediante os relatos, a perspectiva de continuidade no projeto. Podemos identificar essa compreensão nos seguintes trechos representativos abaixo:

Para o próximo ano pretendo continuar nas ações do projeto por compreender a sua importância, na garantia do direito à alfabetização através de uma perspectiva que compreende o estudante como sujeito que pensa e não como tábula rasa, bem como, a carência de disciplinas sobre alfabetização em minha formação (Licenciando 1).

A experiência abriu meus horizontes acerca da minha própria formação. De antemão, tinha um interesse específico para a Educação especial, mas, com as experiências vivenciadas ao longo do ano pelo projeto, fez-me ter um olhar atencioso para a alfabetização. Então, enquanto professor em formação poder ter aprendido com a experiência do referido projeto e contribuído de alguma forma para a alfabetização das crianças acompanhadas faz com que eu tenha

interesse para a continuidade do projeto em 2024. Portanto, pelos desafios vencidos - trajeto de casa à escola, demandas -, esforço para arcar com as responsabilidades do projeto, aprendizagens ricas que ele me forneceu, experiências compartilhadas tanto na escola e reuniões. Além disso, o referido projeto me mostrou a dimensão e plenitude da importância da pedagogia. E, ter vivenciado isso com alunos dos anos iniciais que possuíam mais dificuldades de aprendizagens me fez olhar a pedagogia com um olhar mais atencioso. Dessa forma, me avalio positivamente aprovado e agradecido por ter tido a oportunidade de vivenciar este engrandecedor projeto em minha formação (Licenciando 4).

Como perspectivas e futuros desafios a serem superados no próximo ano é a necessidade de desenvolver um trabalho colaborativo com as professoras e todo o corpo escolar; conseguir mais graduandos interessados em aprender e ajudar as crianças do projeto; continuar na escola e terminar o ano com todas as crianças alfabetizadas e que o projeto ganhe a visibilidade e o reconhecimento que merece. (Licencianda 5)

Possuo interesse em permanecer no projeto, pois o compreendo como uma rica experiência de aprendizado. Considero minha participação no projeto como satisfatória, [...] como alguém que contribuiu de forma colaborativa para a progressão de alfabetização das crianças [...] (Licencianda 6)

Essas são posições que revelam as aprendizagens construídas ao longo do período refletido, assim como a necessidade da continuidade do ciclo formativo, vislumbrando com isso, a ampliação dos saberes no campo da docência para a alfabetização. Além disso, os licenciandos reforçam a perspectiva da retomada da ação de acompanhamento dos aprendizes, em parceria com as professoras das turmas, evidenciando que os esforços em favor da alfabetização das crianças precisam se constituir como uma ação contínua e sistemática.

Diante do exposto, os sentidos construídos por esses sujeitos em torno das contribuições do projeto evidenciam os reflexos para a construção de saberes e ressignificação das suas práticas como futuros alfabetizadores, reforçando, portanto, a importância e a necessidade da institucionalização de ações nesse campo em parceria com escolas públicas, bem como

denunciam a urgência da reformulação do curso de Pedagogia na qual a docência para a atuação na alfabetização seja contemplada. Por fim, essas narrativas revelam o engajamento e a defesa de futuros professores em relação ao direito à alfabetização na escola pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo refletiu sobre a formação inicial de professores alfabetizadores, considerando a experiência de um projeto acadêmico ainda em curso. Essa iniciativa envolve estudantes do curso de Pedagogia (presencial) do CE, *Campus I*, da UFPB, que desenvolvem atividades de acompanhamento pedagógico de crianças em fase de alfabetização no contexto de uma escola da rede de ensino de João Pessoa.

A partir desse objetivo, o *corpus* da análise foi constituído por seis relatos de experiências produzidos por esses licenciandos em referência às atividades desenvolvidas no ano de 2023, na qual o foco se voltou às reflexões em torno das contribuições do projeto para as suas trajetórias formativas.

O acesso a essas produções possibilitou compreender o potencial formativo desse projeto, conforme revelam as narrativas, cujas atividades possibilitam o aprofundamento dos estudos e a construção de saberes sobre o ensino e a aprendizagem no campo da alfabetização. Desse modo, atribuímos que essa iniciativa aproximou

os graduandos de contextos reais, contribuem significativamente para a sistematização do conhecimento de dimensões teóricas e conceituais da alfabetização na perspectiva do letramento, para a reflexão crítica sobre os desafios da prática pedagógica e para o estabelecimento da relação teoria-prática (Costa; Castro; Gomes, 2018, p. 761).

Com isso, buscamos garantir a efetividade de um processo formativo direcionado à aproximação dos desafios, possibilidades e práticas docentes traduzidas por alfabetizadoras nas tramas cotidianas de uma escola pública. Tais vivências, portanto, contribuiriam para que os licenciandos

“se envolvam em uma dinâmica integrada de trabalho para responder a desafios da docência nesse campo” (Araujo; Camini, 2022, p. 28), tendo como perspectiva que “é preciso garantir que o profissional que atua na alfabetização das crianças seja o/a pedagogo/a bem formado/a, o que requer uma formação inicial sólida e específica que considere a criança e seu desenvolvimento na infância” (Barbosa; Souza, 2021, p. 15).

As narrativas evidenciaram, ainda, a ausência dessa especificidade em relação à docência nesse campo de atuação no respectivo curso de Pedagogia, fato que reforçou a relevância de iniciativas dessa natureza. Sendo assim, os licenciandos reconheceram as fragilidades da formação, bem como se manifestaram quanto à necessidade de uma formação sólida pautada na especificidade da área de alfabetização. Dessa maneira, concordamos que “para fortalecer a formação docente dos profissionais que vão atuar no ensino da leitura e da escrita, torna-se urgente repensar a formação inicial no sentido de assegurar a apropriação e o desenvolvimento de saberes específicos do pedagogo na área da alfabetização” (Costa; Castro; Gomes, 2018, p.761).

Outro aspecto evidenciado na análise diz respeito à importância do desenvolvimento das atividades do projeto numa escola pública. Isso possibilitou aos licenciandos a oportunidade de aproximação com alfabetizadoras experientes e a oportunidade da produção de saberes frente ao acompanhamento pedagógico de crianças. Com isso, defendemos, nesse sentido, propostas institucionais dessa natureza como instância formativa de professores, cujas perspectivas de ações permitem aos licenciandos envolvidos o engajamento em atividades lastreadas pela aproximação, reflexão, problematização e intervenção, considerando diferentes proposições “[...] para o ensinar e o aprender e compreende a reflexão sobre as práticas pedagógicas, o trabalho docente e as práticas institucionais, situados em contextos sociais, históricos e culturais” (Pimenta; Lima, 2019, p. 92).

Dessa maneira, a partir das ações em curso, seguimos com o propósito de garantir uma sólida formação teórica e prática alinhada ao

“compromisso e sensibilidade social e humana com vistas a contribuir na superação das desigualdades educacionais” (Pimenta; Lima, 2019, p. 10). Com isso, a nossa expectativa reside em contribuir para a garantia do direito à alfabetização de crianças no contexto de escolas públicas e, certamente, a formação inicial é um dos pilares para isso. Em outras palavras, “[...] uma formação consistente, que respalda os futuros docentes para o enfrentamento coletivo dos desafios próprios da práxis coletivamente vivenciada em contextos, cooperando para que aprendam a analisar, compreender e criar procedimentos de ensino que assegurem aprendizagens [...]” (Pimenta; Lima, 2019, p. 10).

No entanto, são muitos os desafios que atravessam o desenvolvimento da formação desse professor nos cursos de Pedagogia. O enfrentamento desses envolve, sobretudo, a cristalização de novos horizontes formativos pelo tratamento das especificidades do processo de ensino e aprendizagem da alfabetização mediante a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, considerando como referência o cotidiano escolar, pois o “professor que queremos formar é o profissional crítico-reflexivo, pesquisador de sua práxis docente e da práxis que ocorre nas escolas” (Pimenta; Lima, 2019, p. 16). Assim, entendemos que o desenvolvimento profissional possa preparar de forma sólida os futuros alfabetizadores para os desafios e possibilidades emergentes na complexa mediação do processo de alfabetização.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Concepções de alfabetização: o que ensinar no ciclo de alfabetização. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 1. Brasília: MEC, SEB; 2012.

AMORIM, Rejane Maria de Almeida; CERDAS, Luciene. A autoria no processo didático pedagógico em meio digital: a alfabetização em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Alfabetização**, [s. l.], n. 14, p. 170-187, jul. 2021. Disponível

vel em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/453>.
Acesso em: 17 ago. 2024.

ARAUJO, Liane Casto de; Camini, Patrícia. Laboratórios de alfabetização nas universidades: panorama teórico-metodológico *In*: ARAUJO, L. C. et al. (orgs.). **Alfabetização**: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos. Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 71-111. Disponível em: <https://abrir.link/6Ji7f>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi et al. **Manual Didático**: Jogos de alfabetização. Ministério da Educação. Centro de estudos em educação e linguagem. 2009.

COSTA, Francisca Mônica Silva da; CASTRO, Janaína Luiza Moreira de; GOMES, Adriana Leite Limaverde. A articulação teoria-prática na formação inicial do professor alfabetizador. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 28, p. 746-764, set./dez. 2018.

GONÇALVES, Islayne. Barbosa de Sá. et al. A formação do alfabetizador nos currículos dos cursos de Pedagogia de universidades públicas de Pernambuco. **Revista Eletrônica de Educação**, [s.l.], v. 17, p. e5196007, abr. 2023. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/5196>. Acesso em: 17 ago. 2024.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; CABRAL, Giovanna Rodrigues. Apresentação do Dossiê Formação de Professores Alfabetizadores: políticas, saberes e práticas. **Revista Eletrônica de Educação**, [s.l.], v. 17, p. e6313002, abr. 2023.

LEAL, Telma Ferraz; PESSOA, Ana Cláudia Rodrigues Gonçalves. Teorizando o uso de jogos na alfabetização: reflexões sobre materiais didáticos na formação de professores. *In*: ARAUJO, Liane Castro de; CAMINI, Patrícia; NOGUEIRA, Gabriela Medeiros; ZASSO, Silvana Maria Bellé. (org.). **Alfabetização**: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos. Editora CRV Curitiba – Brasil 2022.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Profissionais da Educação: visão crítica e perspectiva de mudança. **Educação & Sociedade**, ano XX, n. 68, p. 15-35, dez. 1999.

MELO, Eliane Pimentel Camilo Barra Nova; PEZZATO, João Pedro. A formação do alfabetizador: um estado da arte. **Revista Brasileira de Alfabetização**, São Paulo, n. 18, 31 dez. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 15, p. 329-41, ago. 2010.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Um balanço crítico da “Década da Alfabetização no Brasil”. **Cadernos CEDES**, São Paulo, v. 33, p. 15-34, jan-abr. 2013.

PICCOLI, Luciana. Como formar um professor alfabetizador do curso de Pedagogia? Discussões sobre a formação inicial nas Universidades Federais da Região Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAlf**, Vitória, ES v. 1, n. 1, p. 132-154, jan/jun. 2015.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágios supervisionados e o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: duas faces da mesma moeda? **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 20-33, jan-dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rbedu/a/kZwPLnkwb7yJS9hJwdFfLDf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SOARES, Magda. Simplificar sem falsificar. Guia da alfabetização: os caminhos para ensinar a língua escrita. **Segmento**, São Paulo, n. 1, p. 6-11, dez.2010.

SOARES, Magda. Quem é o professor alfabetizador? [Entrevista concedida a] João Vítor Marques. **Letra A: o jornal do alfabetizador**, Belo Horizonte, n. 38, p. 8-11, maio/jun. 2014.

SOARES, Magda. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? **Canal Futura**, 2020. Disponível em <https://www.futura.org.br/como-fica-aalfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 29 maio 2024.

SOARES, M. **Alfalettrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.